

Edição 11, Ano 3, Nº 2, junho de 2022

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

*"Teologia não
expulsa demônios."*

Um artigo de Marcos Motta

Natanael Castoldi

**Depressão - Vazio
e renascimento**

Conversando com...

**Pr. Renato
Vargens**



\\ Sumário

4. Editorial

Uma nova e melhor fase

5. Devocional

Ele chama cães à Mesa

7. Escatologia

A Eternidade da Igreja

12. Fé Cristã e o estudo teológico

“Teologia não expulsa demônios.”

16. Política

Governo e Família

23. Psicologia

Depressão – Vazio e renascimento

29. Conversando com...

Pr. Renato Vargens

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **EDITOR-ADJUNTO:** Wallas Pinheiro
IDENTIDADE VISUAL: Marcos Motta **CAPA:** Marcos Motta **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ. edição 12, ano 3, nº 2, junho de 2022, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Uma nova e melhor fase

Existem algumas datas comemorativas, se não todas, que servem como marcos. Elas geralmente são vistas como linhas imaginárias que demarcam o fim de ciclos e o início de outros na linha do tempo de nossas vidas. É assim com a virada de ano, por exemplo. E é assim com os aniversários.

A edição anterior da Revista Fé Cristã, se você não se lembra, foi a edição comemorativa dos dois anos de existência desta publicação. Findamos um ciclo e rapidamente apertamos os cintos para o ciclo que se iniciava naquele mesmo momento. E o novo ciclo chegou com tudo.

A partir da presente edição, a Revista Fé Cristã estará de cara nova. Nas redes sociais, você já pôde ver nossa nova identidade visual, mas agora essa nova identidade estará estampada na capa das nossas revistas e espiando (de cantinho) nos rodapés de algumas páginas – no miolo.

Como mudanças geralmente acontecem de maneira gradual, com a Revista Fé Cristã não será diferente. Estamos estudando algumas transformações no layout do interno da revista, algo padronizado, justamente para que você, leitor, possa se sentir cada vez mais confortável e, conseqüentemente, atraído a estudar a Palavra de Deus através dos nossos conteúdos.

Esperamos que você goste.

No conteúdo, as coisas boas não param. Tive o privilégio de escrever sobre algo que muito me incomoda: a insistência de alguns irmãos de colocar a autoridade espiritual e o estudo teológico em pé de guerra. “*Teologia não expulsa demônios*”, dizem eles. E esse é justamente o título do artigo escrevi. Como devemos olhar, à luz das Escrituras, para essa declaração, repetida à exaustão em nossos púlpitos?

Na coluna de política, Wallas Pinheiro dá sequência à sua série de artigos que trazem à lume o que a Bíblia

verdadeiramente ensina sobre elementos políticos como Governo e Estado. Já no espaço reservado para a Psicologia, de uma maneira profunda e esclarecedora, o irmão Natanael Castoldi nos brindou com um artigo que trabalha a questão da depressão.

Por fim, a cereja do bolo: depois de um longo tempo de espera, conseguimos um furo na agenda do eminente Pr. Renato Vargens, escritor e pregador brasileiro. Ele falou-nos sobre dois temas importantes e com os quais tem grande intimidade: a masculinidade na Igreja e a pirataria de livros.

Com certeza, você não vai querer deixar de lado uma linha sequer desta edição. Esperamos que você seja edificado. Deus o abençoe.



MARCOS MOTTA
Editor-chefe

Ele chama cães à Mesa



Natan Soares tem 23 anos, mora em São Paulo - SP e congrega na Igreja Metodista Wesleyana, onde é músico. “Gosto de estudar teologia, mas ainda não sou seminarista”.

“Então, se inclinou e disse: Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?” (2 Samuel 9:8)

Davi, como um servo de Deus temente e obediente, ao se deleitar na Palavra, tornava-se cada vez mais semelhante Àquele que o chamou. A palavra nos torna semelhantes a Cristo, pois o Espírito de Deus que habita em nós nos faz caminhar de forma livre desejando o que Ele deseja, amando o que Ele ama, e sendo como Ele é.

A história de Mefibosete me impressiona muito, pois nela podemos ver claramente uma bela ilustração do que é o Evangelho.

“Disse Davi: Resta ainda, porventura, alguém da casa de Saul, para que use eu de bondade para com ele, por amor de Jônatas?” (2 Samuel 9:1)

Deus tem prazer naqueles que andam segundo o seu caminho, e que temem a Ele – sim, Deus se agrada de nós quando obedecemos a Ele, e o servirmos em amor. O seu amor antecede a nossa correspondência:

“Nós amamos porque ele nos amou primeiro.” (1 João 4:19)

Para um rei, deixar um inimigo fugir era algo terrível, pois a vingança era certa. Salomão teve essa amarga experiência pelo fato de Hadade, um edomita da linhagem real de Edom ter conseguido fugir de Joabe.

“Hadade, porém, fugiu, e, com ele, alguns homens edomitas, dos servos de seu pai, para ir ao Egito; era Hadade ainda muito jovem.” (1 Reis 11:17)

Ao descobrir que Davi e Joabe já haviam morrido, ele retornou a sua terra, trazendo grandes problemas a Salomão. Tudo o que um rei não quer perto de dele é um antigo inimigo.

O homem como inimigo de Deus

Desde a Queda de Adão, nascemos inimigos de Deus, vivendo em rebelião, caminhando para longe Dele, se opondo a Ele e aos seus mandamentos e perseguindo os Seus Santos. Mas, é muito tolo guerrear contra Ele.

Todavia, enquanto a guerra começa da nossa parte, o cessar-fogo vem da parte mais forte. Não é por medo dos adversários que Ele faz isso, pois não pode perder nenhuma guerra, nem nela ser ferido. Faz isso por quem ele é: Amor.

Sabendo que somos seus inimigos por natureza, ainda assim o Grande Rei nos chama dizendo:

“Há alguém dentre os homens que possa ser alvo da minha bondade?”

Então, lança flechas e acerta o alvo com precisão. Com grande força atinge os duros corações, a ponto de não saberem descrever o momento exato em que foram atingidos por essas flechas de amor, que penetrou suas almas, os levou cativos, os deixando seguros, escondidos em Seu coração. Como Agostinho, agora podemos dizer: *“Feriste meu coração com Tua palavra, e eu te amei.”*

A Graça é sobre um Deus que olha desde os céus e vê que não há um justo sequer, que contempla por anos e anos vidas contrárias à Sua vontade, pecando contra Ele, e pergunta:

“Há alguém dentre os homens que possa ser alvo da minha bondade?”

Então, lança Suas flechas e traz cativo a todos aqueles que deseja. Flechas que rompem o coração mais duro, e não o traz à força, pois, ao rompê-lo – com tal impacto – toda treva é afugentada, de maneira que este coração pode, finalmente, ver a glória de Cristo, e como Ele é amável.

Regeneração

A partir desse momento, Cristo não passa a ser precioso, nós que passamos a enxergar o Seu valor, um valor Supremo que antecede o nosso conhecimento

a respeito da Sua pessoa. Este conhecimento crescerá por toda a eternidade. Esse contemplar não terá fim, já que Sua beleza e glória são infinitas.

O conhecer por meio da luz do Evangelho é semelhante às lentes de um óculos, as quais trazem clareza, mostrando detalhes e beleza não vistos antes, mas já existentes- nós que estamos sendo transformados.

“Cristo é tudo. Nós estamos completos nele. Ele é a resposta para todas as necessidades, o Salvador perfeito. Ele não precisa de adorno para aumentar a Sua beleza, nem de apoio para aumentar a Sua estabilidade, nem de fortificação para aumentar a Sua força. Quem pode polir ouro refinado, branquear a neve, perfumar a rosa ou realçar as cores do pôr do Sol de verão? Quem servirá de amparo para as montanhas, ou de ajuda ao grande abismo? Não é Cristo e filosofia, nem Cristo e dinheiro, nem civilização, nem diplomacia, nem ciência. É apenas Cristo. Ele andou sobre a prensa do vinho sozinho. Seu próprio braço trouxe a salvação. Ele é suficiente. Ele é o conforto, a força, a sabedoria, a justiça, a santificação de todos os homens.” (C. L. Chilton)

Um coração grato

A gratidão é algo espontâneo, que simplesmente transborda, exalando um belo perfume.

“Enquanto Davi fugia de Absalão, sem poder segui-lo, Mefibosete não pôde provar o seu amor e fidelidade ao rei, pois seu servo Ziba mentiu para Davi e disse que ele havia negado segui-lo pela ambição de tomar o reino. Então, disse o rei: Onde está, pois, o filho de teu senhor? Respondeu Ziba ao rei: Eis que ficou em Jerusalém, pois disse: Hoje, a casa de Israel me restituirá o reino de meu pai.” (2 Samuel 16:3)

Você tem provas de que é fiel ao Rei? Esse humilde homem tinha.

“Disse Mefibosete ao rei: Fique ele, muito embora, com tudo, pois já voltou o rei, meu senhor, em paz à sua casa.” (2 Samuel 19:30)

A Graça que nos salva também traz ferramentas, suprimentos e bens durante a caminhada, mas o mais importante é que temos ao Rei! Que fique com “Ziba” os bens, terras, e tudo mais que seu tolo coração desejar. Temos ao Rei. Ele é o nosso tesouro, nosso galardão. A prova incontestável da fidelidade ao Rei é o prazer que você tem Nele. Esteja satisfeito Nele!

“Cristo é tudo. Nós estamos completos nele.”

Oh que que notícia maravilhosa é esta: Ele chama cães à mesa.

A Eternidade da Igreja



Leonardo Assis é casado com Renata Lins F. Alves Assis e pai de Esther. É carioca, teólogo e professor de teologia nas áreas de Antigo Testamento, Teologia Bíblica e Sistemática. É Pós-graduado em História de Israel pela Faculdade Kennedy e Bacharel em Teologia pela Fatin - Faculdade de Teologia Integrada. É autor dos livros *“As Duas Casas de Israel: Judeus e Gentios no Plano Eterno de Deus”* (Editora Reflexão) e *“Tesouro Descoberto: desvelando os mistérios de Deus nas Escrituras Sagradas”* (Editora Filos), além de ser um evangelista apaixonado pelas Sagradas Letras.

Todos sabem que um bebê antes de nascer já possui vida. Durante um “tempo determinado” por Deus, ele fica no ventre de sua mãe recebendo todos os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento, até que chega o dia em que ele vem à luz.

Biblicamente, Deus conhece os seus filhos antes de cada um deles nascer (cf. Sl 139.16). Deus dá testemunho de que conhecia o profeta Jeremias antes mesmo deste ser formado no ventre (Jr 1.5). Ou seja, no *conselho* (sôd) de Deus havia um decreto sobre o chamado e a vocação de Jeremias. Ele conheceu Jeremias, o fez nascer numa parte de Israel (Anatote?), e no tempo determinado o enviou para profetizar ao Israel impenitente. Assim,

“determinando-lhes os tempos previamente estabelecidos e os territórios da sua habitação” (At 17.26), Deus traz à luz os seus filhos, capacitando-os para a grande obra. Provavelmente, até o nome de Jeremias estava no conselho divino. E mesmo já sendo conhecido por Deus e separado como profeta, ele só foi chamado por esse nome após nascido. Casos parecidos com esse podem ser vistos nas vidas de Josias (1Rs 13.2) e João Batista (Lc 1.13).

Vejam o que Deus fala a Ananias sobre o maior pregador da igreja, Paulo de Tarso: *“Vai, porque ele é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios”* (At 9.15). Agora, vejam o que o próprio Paulo

diz sobre si: *“Quando Deus, porém, que desde o ventre de minha mãe me separou...”* (Gl 1.15). É verdade que Paulo nasceu muito antes do ministério público de Jesus e chamado dos discípulos, mas no conselho de Deus Paulo já havia sido vocacionado para ser o apóstolo dos gentios na igreja, assim como no caso de Jeremias no AT. Paulo se utilizou de profecias *veterotestamentárias*, aplicando-as ao seu ministério (veja At 13.47; cf. Is 49.6). A igreja sempre esteve nos planos de Deus.

Isso também pode ser falado do evangelho de Deus. O evangelho “começou” a ser anunciado por Jesus (cf. Mt 4.23; 9.35; 11.5). Por isso,

Marcos chama “*Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*” (Mc 1.1). A missão de Jesus era anunciar o evangelho (Lc 4.43). Ele comissionou os apóstolos e toda a igreja para pregarem o mesmo evangelho (Mc 16.15), o que eles fizeram (At 14.7). Mesmo sabendo que o evangelho “nasceu” no ministério de Jesus, Paulo explica que o evangelho foi anunciado primeiramente a Abraão (Gl 3.8). O apóstolo João diz que o evangelho é eterno (Ap 14.6). Sim, desde o Éden ele vem sendo exposto progressivamente ao homem. A teologia chama a promessa de Deus em Gn 3.15 de proto-evangelho. E se há um proto-evangelho, por que não há uma proto-igreja? Se o evangelho foi anunciado primeiramente a Abraão, por que a “igreja” não começar em Abraão, o pai da fé (Rm 4.11)? Não seriam os patriarcas, profetas ou os 7 mil que não se dobraram a Baal uma proto-igreja? A ligação salvífica entre a fé de Abraão, Cristo e a igreja é declarada por Paulo: “*E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa*” (Gl 3.29).

Assim como Davi separou os materiais do templo para posteriormente Salomão edificá-lo, Jesus separou os seus discípulos, os membros da igreja (“*pedras vivas*”, 1Pe 2.5) para a edificação do Espírito

Santo (At 2). Assim como o Seu cabeça, a igreja fora profetizada desde os tempos remotos, vindo à vida pública no Dia de Pentecostes. Não se pode negar a eternidade da igreja, o corpo místico de Cristo. “*A igreja é o Corpo de Cristo e, por conseguinte, extensão de Cristo*”.¹ Ela tem o DNA de Cristo, visto que a semente divina está nela (1Pe 1.23; 1Jo 3.9). “*Todo aquele que o Pai me dá*” (Jo 6.37) são os que Deus conheceu de antemão e formou para a sua glória (Is 43.7; Rm 9.23).

A encarnação de Jesus foi o pontapé inicial da construção da igreja. Ele veio na plenitude dos tempos para “*comprar*” filhos para Deus (cf. Gl 4.4; Ap 5.9). Jesus foi nascido de mulher, nascido sob a lei, ou seja, ele era judeu, descendente de Davi, de Abraão (Mt 1.1), de Adão (Lc 3.38). A raiz genealógica de Jesus homem está no primeiro Adão. O que isso prova? Bem, todos os fiéis do AT precisavam estar em Cristo para serem salvos. A promessa messiânica é o cerne das alianças de Deus com os homens. O que os escritores do NT escreveram é o reconhecimento de Cristo como o cumprimento das promessas aos pais (veja At 13.32-33; 26.6-7; Gl 3.29). Frank Viola afirma que:

“*Os autores do Antigo Testamento primeiro*

proclamaram o mistério sagrado nas histórias, tipos, imagens e sombras. Mas, embora reis, profetas e sagas o proclamassem, eles não o compreenderam”.²

Os profetas, por não conseguirem a “conclusão do caso” sobre as suas *investigações* (1Pe 1.11), muitas vezes intercalavam, por exemplo, a encarnação humilde de Cristo com sua vinda gloriosa na consumação dos séculos (e.g. Is 11.1-6; Zc 9.9,10), as duas vindas de Cristo. Os profetas também imaginavam um Messias salvador que venceria os inimigos de Israel. Eles não entendiam a profundidade das revelações, pois no fracasso da nação, o Ungido venceria a representando, e, assim, formaria um povo a partir dos que creem no seu nome. Os profetas do AT anunciavam um “*remanescente de Israel*” formado por intermédio do Servo (Cristo; cf. Is 42-53). A continuidade da “igreja-povo” de Deus do AT com a igreja do NT se dá, não pelos membros, mas pelo cabeça, Cristo. Através daquele que cumpriu em sua vida e ministério as responsabilidades da nação, o corpo místico, escondido e eterno de Cristo pôde ser formado, ungido, selado e enviado como embaixador do Reino (Mc 3.13; 2Co 1.21,22; 5.20; 8.23). Pois o antigo povo foi demasiadamente irresponsável a esse respeito

¹ BENTHO, Esdras Costa. *Igreja: Identidade e Símbolos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 36.

² VIOLA, Frank. *Da eternidade até aqui*. Brasília, DF: Palavra, 2011, p. 24.

(Mt 21.43). Por isso, Bultmann afirma que a igreja é

“herdeira do Israel como ideal; do povo de Deus que o Israel histórico deveria ter sido conforme sua vocação, mas que de fato ele nunca foi”.³

Esse “verdadeiro Israel” foi profetizado no AT (veja Is 56.8; cf. Jo 10.16). Esdras Costa declara:

“De acordo com Manson, os primitivos cristãos não se consideravam como uma nova sociedade, mas simplesmente como o antigo Povo de Deus, pois somente a comunidade daqueles que aceitavam a justiça de Deus em Cristo poderia de fato chamar-se o Israel de Deus. Neste aspecto, o verdadeiro significado e natureza de ἐκκλησία não estão circunscritos ao sentido de “igreja-comunidade local”, mas “Igreja-comunidade universal”.⁴

Um grande exemplo da universalidade da igreja é visto no encontro de Jesus com a mulher samaritana em João 4. A mulher samaritana

“é uma mistura de etnias (judeu-gentio). [...] Esta mulher samaritana é a igreja além dos judeus; a Igreja que incluiria os gentios, e que

encontrou o verdadeiro marido após casamentos frustrados”.⁵

Assim como a prostituta Gômer, esposa do profeta Oseias, que representava a nação de Israel que havia adulterado com os ídolos, a mulher samaritana representava as duas casas de Israel, mais especificamente a casa de Efraim, que havia se prostituído com cultos pagãos, perdendo a identidade espiritual. Essa tipologia também é vista nos casos de Rebeca, Raquel, Asenate, Zípora e Rute.

A igreja saiu dos lombos de Cristo, o Deus preexistente

A igreja vem sendo construída desde os tempos remotos (At 7.38). Ela é uma extensão do povo remanescente e fiel do AT (1Pe 2.9,10; Gl 6.16). E não somente isto, mas a igreja também é eterna, pois estava “nos lombos” de Cristo, o Deus preexistente. A eleição e predestinação da igreja foram feitas antes da fundação do mundo (Ef 1.4,11), visando o louvor da glória de Deus (Ef 1.12). Clemente de Roma declara:

“Não suponho que vocês não saibam que a Igreja viva é o corpo de Cristo. Pois a Escritura diz: ‘Deus criou o homem,

homem e mulher os criou’ (Gn 1.27). O homem é Cristo; a mulher é a Igreja. Além disso, a Bíblia e os apóstolos dizem que a Igreja não se limita ao presente, mas existiu desde o princípio. Pois era espiritual, assim como era o nosso Jesus, e tornou-se visível nos últimos dias para nos salvar”.⁶

De acordo com Clemente, a igreja “saiu de Cristo”, ela estava em Cristo desde a eternidade e foi manifestada ao mundo em Atos 2. A igreja foi gerada por Cristo.

Deus colocou Adão em um sono profundo e retirou Eva de dentro dele. Assim, Cristo foi colocado em um sono profundo (morte) e da sua natureza (Ef 5.30; 2Pe 1.4) foi revelada a sua noiva, a igreja (ver Ef 5.31-32). Eva estava em Adão, assim como nós estávamos em Cristo antes dos tempos eternos (2Tm 1.9; Rm 16.25). Eva foi retirada de Adão depois da criação, no oitavo dia. Eva era uma *nova criação*, assim como a igreja é um *novo homem* (Ef 2.15). A igreja ressuscitou com Cristo no oitavo dia (ver Ef 2.6; Cl 3.1). Viola argumenta:

“E quando é seu aniversário? O primeiro dia da semana, o dia depois do Sabá. É o oitavo dia da semana, o dia da

³ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004, p. 143.

⁴ MANSON, T. W. *O ensino de Jesus: pesquisa sobre sua forma e*

conteúdo. São Paulo: ASTE, 1965, p. Apud BENTHO, op. cit., pp. 34-35.

⁵ BARTOSZEWSKI, Felipe. *Cosmovisão Profética: um olhar a partir do propósito eterno*. Curitiba:

Editora Família dos que Creem, 2019, p. 78.

⁶ CLEMENTE. *Segunda Epístola aos Coríntios*, cap. 14. Pais apostólicos. 1. ed., São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 58.

ressurreição, o dia da nova criação”.⁷

Assim como a costela estava em Adão e dela Eva foi feita, a igreja também estava em Cristo desde antes da fundação do mundo. Por isso João Batista declarou: *“A noiva pertence ao noivo”* (Jo 3.29). Ou seja, a igreja estava em Cristo antes da sua paixão; antes dele afirmar que *edificaria a sua igreja* (Mt 16.18).

“Eis que lhe revelo um mistério: a noiva de Cristo estava dentro do noivo enquanto ele estava nesta Terra. Ela é um mistério escondido em seu interior”.⁸

O próprio Cristo disse que a igreja não é desse mundo, assim como Ele também não é (Jo 17.14).

Adão e Eva eram uma só carne (Gn 2.24). Cristo e a igreja são um só espírito (1Co 6.17). Assim como Eva antes da Queda vivia num estado de perfeição, a igreja é santa, imaculada e inculpável aos olhos de Deus (Ef 1.4; cf. Nm 24.5). *“Há três que testificam na terra: o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam num”* (1Jo 5.8). A igreja é santificada por esses três (ver 1Pe 1.2; Tt 3.5; Hb 13.12).

“Conforme observamos na oração sacerdotal de Jesus em João 17, o padrão de unidade entre a comunidade de crentes é o espelho, mesmo que turvo, daquilo que é comunhão eterna que existe entre a trindade santa”.⁹

Quando Cristo morreu na cruz, após ter sido furado com uma lança, do seu lado jorraram água e sangue, elementos para lavar a sua noiva de todo o pecado.

“Deus a tirou da pleura do último Adão, de seu lado (Jo 19.34). Deus “abriu o Segundo Adão”, e tomou uma noiva de dentro dele, fazendo assim a “outra metade” de Cristo. É interessante observar que, no Antigo Testamento grego, na Septuaginta, a palavra pleura é usada em Gênesis 2.22: “E Deus formou a pleura que havia tirado de Adão, e fez uma mulher”. Essa mesma palavra é usada para se referir ao lado de Jesus em João 19.34: “um dos soldados perfurou o lado de Jesus com uma lança, e logo saiu sangue e água”. [...] Do lado de Jesus apareceu uma esposa digna do próprio Deus. Foi você que saiu do lado dele no dia da ressurreição (Rm 6.4; Cl 2.12; Ef 2.5-6).”¹⁰

A parte do corpo designada pela palavra *lombos* (heb. *chalats*) contém os órgãos de reprodução, de modo que se diz que a descendência (heb. *zera*, “semente”) sai dos lombos. Paulo usa isso ao mostrar que o sacerdócio de Jesus, à maneira de Melquisedeque, é superior ao de Arão, visto que Levi, antepassado de Arão (Gn 29.34), ainda estava nos lombos de Abraão, e neste sentido pagou dízimos a Melquisedeque (Hb 7.5-10; Gn 14.18-20; ver também Rm 7.9). O próprio Cristo se referiu a si próprio como uma semente que morreria para gerar muitos frutos (Jo 12.24).¹¹ A semeadura foi a sua morte, e a ressurreição, a vida e frutificação da igreja (ver Is 53.11).

A profecia de que *“uma nação”* (Israel), *“uma multidão de nações”* (gentios) sairia de Jacó, encontra o seu pleno cumprimento em Cristo, o descendente e epítome de Israel. Por isso Paulo diz aos Gálatas que: *“Todos vós sois um (heis – um homem)”¹² em Cristo Jesus. E se sois de Cristo, também sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa*” (Gl 3.8).

“Aqui Cristo é visto como uma personalidade coletiva que inclui

⁷ VIOLA, op. cit., p. 44.

⁸ Ibid., p. 42.

⁹ BARTOSZEWSKI, op. cit., p. 261.

¹⁰ VIOLA, op. cit., pp. 50-51. A Bíblia diz *“último Adão”* (1Co 15.45).

¹¹ Shedd diz que: *“Em 4Esdras 7.27-32 há uma referência ao Messias que*

morre e, dessa maneira, provoca o fim de todos os que respiram. Mais tarde ele é ressuscitado junto com aqueles que estão identificados com ele”. SHEDD, Russell P. *A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 135.

¹² A palavra é masculina, não neutra. Cf. G. S. Duncan, *The Epistle of Paul to the Galatians* (Londres: 1937), p. 124. Apud. SHEDD, op. cit., p. 133.

*todos os verdadeiros filhos de Abraão (judeus e gentios; cf. Gl 3.7). E mais do que isso, Cristo é também o ‘verdadeiro Isaque’, cuja morte vicária proporciona uma redenção total para o Novo Israel’.*¹³

Se os da fé, de ontem e de hoje, já estavam no lombo de Abraão, pode-se afirmar que já estavam também “*nos lombos*” de Cristo *antes dos tempos eternos* (cf. Rm 16.25; Ef 1.4-6; 2Tm 1.9).

Portanto, afirmar, como fazem os dispensacionalistas clássicos

e revisados, que a igreja é um parêntese no plano redentor de Deus é retirar da igreja o seu caráter eterno. Os que afirmam isso, geralmente enfatizam que a igreja não cumpre, em hipótese alguma, quaisquer profecias veterotestamentárias do Israel do futuro (ver 1Pe 1.12, “para nós – igreja”). Mas, pode se ver claramente que os gentios seriam “gerados” do lombo de Abraão (Gn 12.3), Isaque (Gn 26.4), Jacó (Gn 35.11) e Efraim (Gn 48.19). Os gentios (Jafé) habitariam na mesma casa dos judeus [Sem] (cf. Gn 9.27). A

igreja é eterna, e de forma implícita ela foi profetizada no AT (ver Is 56.7-8; Zc 6.12-15). Ela é o ποίημα poema de Deus. E até mesmo as suas obras foram preparadas de antemão (Ef 2.10). Antes da fundação do mundo já estávamos com Cristo (Pv 8.31). Sim, a igreja é eterna. Deus conhece cada um dos seus filhos nascidos do alto (Sl 87.5).

¹³ SHEDD, op. cit., p. 141.

"Teologia não expulsa demônios."



Marcos Motta, 29 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é graduando em Processos Gerenciais, pela Universidade Estácio de Sá, e estudante autodidata de teologia. Autor dos livros *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017) e *Evangelismo Placebo: oferecendo um evangelho de mentira a pecadores de verdade* (2021). Na igreja local, coopera como pregador, e também como ministro de louvor. Casado com Talita Motta.

Uma das frases mais condenáveis daquelas que são utilizadas no equivocado combate ao estudo teológico nas igrejas é essa do título: *"Teologia não expulsa demônios"*. Em outras palavras, os defensores desta ideia advogam que, para as questões práticas que se apresentam na vida diária da igreja, a teologia, no fim das contas, não tem muito valor. Teologia é teoria, é algo abstrato, que serve para satisfazer a curiosidade, que alimenta o cérebro, mas que não confere poder no mundo espiritual.

É claro que, de certa perspectiva, afirmações deste

tipo não estão completamente erradas. Convenhamos, a teologia, em si mesma, não expulsa demônios. Mais do que isso, é possível que um aluno de teologia sequer seja um cristão genuíno – há muitos casos assim. O que se segue é que estes indivíduos não têm, da parte de Deus, nenhuma autoridade para expulsar demônios.

Do que estamos tratando, então? Pois bem, o problema que se dá é que afirmações como essa do título geram muito mais prejuízos do que benefícios, fazem muito mais mal do que bem e, apesar de apontarem para algo que, isoladamente, é verdadeiro,

não revelam o contexto imediato que as envolve e que é profundamente mais complexo.

"Tenho orgulho da minha humildade"

Normalmente, quem critica o estudo da teologia é alguém que pensa que todo teólogo é orgulhoso, que as pessoas só estudam teologia para "aparecer" e que os teólogos presumem de si mesmos, autointitulando-se "a elite da igreja". Mas, pensar isso dos teólogos sem um detalhado exame de cada caso, generalizando, é um erro – já denunciemos tal equívoco em um artigo anterior.¹⁴

¹⁴ MOTTA, Marcos. *Quem estuda teologia estuda para "falar difícil"?*

Link do artigo: <https://revistafecrista.art.blog/2022/>

01/29/quem-estuda-teologia-estuda-para-falar-dificil/

O interessante aqui é que quando vemos uma pessoa batendo no peito por nunca ter feito um curso de teologia e dizendo que nem se importa em querer fazê-lo, pois, para “a vida real”, o cristão precisa mesmo é de “poder” e não de teologia, o que estamos vendo é alguém que se considera super espiritual se orgulhando do grau de poder que presume que alcançou. É uma situação como a daquela frase irônica: *“tenho orgulho da minha humildade”*. Ou seja, o mesmo orgulho que pode existir num teólogo, pode existir no coração de um super espiritual que nunca estudou teologia (e que, por isso, considera a si mesmo a pessoa mais humilde do mundo) – pois, o orgulho não se restringe a indivíduos pertencentes a uma classe espiritual ou intelectual específica.

Poder sobre os espíritos imundos

Não só o orgulho não faz distinção entre classes de indivíduos – o poder concedido por Deus para a expulsão de demônios também não leva em conta tais categorias. Já vimos que Deus não é contra a sabedoria e a instrução que os sábios e instruídos alcançaram, outrossim, contra a arrogância, o orgulho e o sentimento de superioridade que muitos têm carregado. Diante disso, assim como a teologia pode ser acusada de não conferir poder, o fato é que a ignorância também não o

garante. Alguém pode ser, ao mesmo tempo, ignorante teologicamente, orgulhoso e, ainda, fraco espiritualmente, não tendo poder algum sobre os espíritos imundos.

Quando um cristão rejeita a teologia por entender que a teologia não lhe acrescenta em nada na tarefa ministerial de expulsar demônios, esta pessoa está, ao mesmo tempo, declarando que permanecer na ignorância lhe será mais proveitoso. A premissa é que ser ignorante é uma condição para se ter mais autoridade no mundo espiritual, quando a condição que Jesus determinou para se receber poder é outra: ser discípulo de Jesus (Mt 10:1; At 1:8) e obedecê-lo, bem como, ser alguém disciplinado no jejum e na oração (Mt 17:21).

Conhecimento e libertação

Você já percebeu que o maior número de casos públicos de possessão demoníaca acontece predominantemente naquelas igrejas que não prezam por um ensino teológico sadio e que não são diligentes em expor as Escrituras Sagradas de maneira fiel? É claro que, em defesa própria, muitos dos adeptos dessas denominações adotam o discurso de que os espíritos imundos não se manifestam em igrejas que se importam com teologia e Bíblia porque elas não representam nenhum perigo sobrenatural contra as hostes malignas – logo, nesses locais,

os demônios “se sentem em casa”. Mas, o que a Escritura diz sobre isso?

O ensino de Jesus é este:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:32)

A cena é conhecidíssima: Jesus estava declarando que os judeus à sua frente, a despeito de considerarem-se especiais em relação aos demais povos da terra, vendo a si mesmos como filhos de Deus e de Abraão, na verdade, eram filhos do diabo, adeptos da mentira e escravos do pecado. A questão em voga é justamente esta da libertação das amarras do Maligno, ser livre e viver como um filho de Deus.

Para Jesus, qual era o estado espiritual dos judeus inconversos e impenitentes de João 8, os quais lhe combateram até o ponto de apanharem pedras para atirar contra ele? Ora, o mesmo estado espiritual dos gentios (povos não-judeus) em Efésios 2: um estado de morte em ofensas e pecados. Eles eram pessoas que andavam segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, **do espírito que opera nos filhos da desobediência**; e, por isso, andavam fazendo a vontade da carne e dos pensamentos, e eram por natureza **filhos da ira**. (Ef 2:1-3) Compare os textos (de João

8 e Efésios 2) e note a semelhança.

Ou seja, ninguém precisava mais de libertação espiritual do que aqueles judeus, que mesmo tendo sido circuncidados na carne, agiam como os incircuncisos não-judeus, necessitando de serem circuncidados espiritualmente, no coração. Diante desta necessidade, de libertação, o que Jesus fez? Começou a falar sobre um poder sobrenatural que promove libertação à parte da pregação do Evangelho? Não. O Senhor ensina a libertação pelo conhecimento da Verdade, que vem através da proclamação da Palavra de Deus – não por meio do acesso a um conhecimento obscuro, subjetivo, abstrato, especulativo, produto do transe e do êxtase, reservado apenas a uma casta de super espirituais, mas através do conhecimento da Verdade, o qual envolve também a razão e o intelecto – instrução teológica. É a fé pública na verdade objetiva e absoluta da Palavra de Deus que marca a libertação de uma pessoa.

O poder de Deus

Paulo segue na mesma linha de Jesus. O Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1:16). A pregação do Evangelho é o que proporciona libertação

para o indivíduo que se encontra escravizado e acorrentado por forças espirituais malignas. O poder de libertação das influências demoníacas não consiste em manifestações estranhas que são operadas pelos cristãos – exorcismos *à la* Hollywood. Antes, **o maior instrumento de libertação usado por Deus é a pregação.**

O procedimento de expulsar demônios é, então, errado? Claro que não. A Bíblia diz que Jesus e os discípulos expulsaram demônios de maneira instantânea, pela autoridade de Deus. Jesus também curou pessoas de doenças que eram causadas por possessão demoníaca. No entanto, este é um método extraordinário – por vezes, necessário, porém, drástico. O método ordinário, normal, comum e incentivado por Jesus pelo Novo Testamento para a libertação de vidas, é a exposição do Evangelho e das Escrituras – o que requer conhecimento teológico. É como se Jesus ensinasse: “usem o instrumento principal, mas estejam sempre preparados para usar o reserva, caso isso seja necessário”.

O próprio perdão de pecados, que é consequência da fé no Evangelho, é que é a libertação que quebra toda maldição – outras operações de poder são

“apenas” para que o mundo saiba “*que o Filho do Homem tem autoridade sobre a terra para perdoar pecados*” (Mc 2:9-11).

Libertações inúteis

No primeiro capítulo do livro *A Formação de um Discípulo*, Keith Phillips¹⁵ demonstra como seu evangelismo de muitos anos no gueto de Los Angeles foi algo quase que inútil. Ele demonstra que, apesar de falar sobre o Evangelho para muitas pessoas de uma maneira que elas nunca mais poderiam dizer que eram inocentes ou que nunca haviam ouvido falar de Jesus, não falava o suficiente ou da maneira correta a ponto de sua pregação gerar frutos verdadeiros: transformação de vidas e discipulado.

No ministério de libertação ou na expulsão de demônios, encontramos algumas semelhanças.

A teologia, por si só, não expulsa demônios, mas a falta de uma teologia saudável na mente do ministro do Senhor pode fazer com que a libertação operada seja uma libertação inútil, que expulsa o demônio “da casa” (a pessoa), mas deixa “a casa vazia”, inabitada, vulnerável à novas possessões demoníacas.

Jesus ensina o seguinte:

¹⁵ PHILLIPS, Keith. *A Formação de um Discípulo* (Vida Editora, 2008).

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde saí. E, chegando, acha-a varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.” (Lucas 11:24-26)

Expulsar um espírito maligno, mas ser ignorante teológica e biblicamente, não tendo nada para apresentar ou oferecer à pessoa liberta para que ela “coloque” no lugar do espírito maligno – tornando a casa em uma casa habitada pelo Espírito de Deus – é o mesmo que fazer algo inútil.

Apresentar um evangelho falso, teologia da prosperidade, tradições e achismos é o que geralmente um crente sem instrução teológica tem para oferecer a uma pessoa recém liberta de uma possessão. Logo, ser um ministro adepto de exorcismos, mas inimigo da teologia saudável e bíblica, é ser alguém que limpa a casa – é varrer e adornar ela – tão somente para deixá-la vazia, desprotegida, inabitada e ainda suscetível às forças do Diabo.

Falta de conhecimento

Se você não lembra, os sacerdotes do Antigo Testamento eram aqueles que representavam o povo diante de Deus. Já na Nova Aliança,

encontramos aquilo que Lutero chamou de “o sacerdócio de todos os crentes”. Curiosamente, no entanto, por mais que Deus tenha feito todos os crentes se tornarem sacerdotes diante dele, muitos cristãos ainda têm por costume chamar o pregador ou o pastor de sacerdote, como se estivessem tratando com pessoas superiores espiritualmente. Deveríamos aplicar, então, a estes líderes de hoje aquilo que Deus diz sobre sacerdotes que rejeitam conhecê-lo? Se sim, o que Ele diz?

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.” (Oséias 4:6)

Veja que “conhecimento”, aqui, não é conhecimento que nasce de relacionamento, mas conhecimento teológico gerado da intimidade com a Lei de Deus – que nasce de conhecer e prosseguir em conhecer a Deus (Os 6:3) através do estudo e meditação na Sua Palavra. Deus diz que o sacerdote que rejeita conhecê-lo dessa forma, Deus também o rejeitará, para que não mais seja sacerdote diante Dele. Ou seja, toda a autoridade, todo o status espiritual, todo o poder que pode estar atrelado ao sacerdócio, Deus promete reter

do sacerdote que rejeita o conhecimento bíblico-teológico de Deus.

Não por menos, Jesus, noutro contexto, declara: “*Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus*” (Mateus 22:29). Quem despreza a teologia, despreza o conhecimento de Deus abundante na Bíblia, não conhece o poder de Deus, e é privado de receber os privilégios de ser sacerdote diante de Deus em favor dos homens – coisa que todo cristão é chamado a ser.

Teologia não expulsa demônios?

Governo e Família



Wallas Pinheiro cursa licenciatura em Filosofia. É designer e dá aulas de História. Diácono na 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, é casado com Samira Pinheiro.

Embora não seja hábito distinguir entre *Governo* e *Estado* em conversas comuns (o que explica parte das confusões no assunto) é evidente que é imprescindível um tratamento sobre tal distinção. Portanto, a seguir, veremos o que é e o que pertence ao Governo e ao Estado e, em seguida, notar-se-á como o governo familiar prossegue em Gênesis.

DISTINÇÃO ENTRE GOVERNO E ESTADO

A pergunta que pode ser levantada sobre o Estado é se nele é exaurido o conceito de *Governo* e *Estado*, isto é, se um conceito é equivalente ao outro ou não. A distinção – se existir

– é tão necessária quanto a própria política, e fundamentará, daqui por diante, todo o assunto que se seguirá sobre a filosofia política.

Qualquer leitura simplificada da Constituição Federal de 1988 demonstrará, claramente, que ela mesma distingue entre Governo e Estado, sendo o governo uma parte do Estado, e não, necessariamente, o fundamento dele. Fora dela, porém, e para autores como Rushdoony, o Estado é um poder humano e o Governo é um poder divino,¹⁶ sendo distintos entre si no fato de *quem* exerce, e não *como* exerce.

A distinção que pretendemos trazer à tona, contudo, é um pouco diferente de ambas acima. O objetivo é

simplificar, pois, o assunto, a partir da perspectiva bíblica e de como as Escrituras o tratam. Dessa forma, nem a distinção administrativa (da nossa Constituição) e nem a Filosófica-Teológica (de Rushdoony) será definitiva. Há ainda, todavia, uma distinção mais sutil, aquela defendida por Samuel Rutherford, em sua obra *Lex Rex*, na qual ele distingue a pessoa do rei em duas: *in abstracto* e *in concreto*.

O contexto para esta distinção é claro: e se o rei, eleito corretamente, por acaso incidir na tirania, pode o cristão resistir? Ou se ordenar o pecado aos cristãos, devem praticar? Como relacionar isso com o fato de que a autoridade é ministro de Deus? (Rm 13). A saída – é claro – é distinguir entre o *cargo* (*abstracto*) e o *indivíduo* (*concreto*). Quando há uma ordem pecaminosa, esta ordem procede da pessoa

¹⁶ RUSHDOONY, Rousas John. *Cristianismo & Estado*. 2ª Ed. Brasília: Monergismo, 2018, p. 261-4.

física, quando há uma ordem justa, ela procede da pessoa do ofício real.¹⁷

Essa distinção é a mais promissora para a compreensão da realidade, embora não explique completamente a distinção entre Estado e Governo. Por isso, será necessário um retorno mais profundo aos conceitos acima mencionados.

A Origem do “Estado” e do “Governo”

O termo “Estado” é uma evolução natural do conceito romano de *status* (condição, ou mesmo “permanecer”), que voltou a ser utilizado no século XIV na Europa. Isso não quer dizer, evidentemente, que não havia Estado na Idade Média, mas que a sua forma de ser pensado era diferente, ou caminhava de forma diferente em relação ao que se convencionou posteriormente. Porém, a inserção do termo não era mera convenção, mas sim um objetivo claro: o retorno à lei romana. Essa busca se traduziu no conceito que foi recuperado, reaplicado e trabalhado para formar o Estado moderno (ainda com forte herança romana). Conclusivamente, o conceito se fechou como a soma dos governantes e governados de uma determinada localidade.¹⁸

O termo “Governo”, por outro lado, se origina de *gouverne* (francês) que, por sua vez, vem do conceito de dirigir um leme de navio ou embarcação. Tal ideia é por si só bem ampla, já que é evidente que a intenção do termo é mostrar que aquilo ao qual é aplicado “dá uma direção”.

Conquanto não tenha se traduzido assim na política e filosofia moderna, os termos possuem características que implicam uma condição de governo, e uma direção dada.

Governos

Assim, podemos avançar para o conceito presente, e que creio ser a melhor maneira de entender o assunto: Governo é o sentido abstrato, que permite a existência do Estado. Governo (κυβερνήσεις) seria a liderança como tal; o Estado é a liderança civil. O Governo pode ou não ser político; o Estado é um ente *somente* político.

Existem dois exemplos, do senso comum, que evidenciam essa distinção. O primeiro, é que quase todos teólogos ou leitores da bíblia reconhecem algum governo entre os anjos, em que, às vezes, se diz que há “arcanjos” sobre os anjos comuns e querubins e serafins (embora na Escritura só seja

citado *um* arcanjo). É dito que possuem governo, mas não Estado. A hierarquia é, portanto, o fundamento dessa distinção de autoridade entre eles. Não pensamos em anjos tomando conselho com um grupo de políticos para decisões sobre coisas como estradas celestiais ou coisas semelhantes. Antes, há uma estrutura bem simples: Deus ordenaria aos arcanjos que repassariam aos subordinados apenas a execução de tarefas.

Um segundo exemplo está presente na linguagem comum, forçosamente nos fazendo pensar em duas esferas de governo. Dizemos que a igreja possui um *governo* eclesiástico, mas jamais um *Estado* eclesiástico. Esta última afirmação causaria até mesmo confusão, já que poderia ser pensado em um Estado governado por uma igreja – levando-se o conceito ao pé da letra. Quando pensamos no Estado, já pensamos nele como um governo. Notamos, deste modo, uma clara distinção natural entre uma área de governo e outra, e sabemos que o governo é uma coisa ampla, e o Estado é a área civil deste governo. Assim, não ficamos com a definição da Constituição, de Rushdoony ou mesmo de Rutherford, sendo essa concepção um trabalho natural de

¹⁷ Essas são as Questões XXIX e XXX do *Lex Rex*.

¹⁸ A proposta não é exaurir os debates sobre o assunto, então, embora

desconfortavelmente, foi necessária uma extrema simplificação do tema, fazendo-o parecer mais fácil do que

realmente é. Dessa forma, o assunto foi resumido e os debates evitados.

desenvolvimento dos conceitos do último autor.

Onde, então, podemos notar o problema do governo? A base seria entender a distinção entre direita e esquerda? Ou seria o sistema de governo? Ou, será que é a falta e regressão dos costumes? Creio que responder estas perguntas não soluciona o nosso problema, pois a *raiz* e primeiro governo humano não é o Estado. O fato de o governo estatal ir mal só demonstra que outro governo tem ido mal, isto é, o governo familiar.

A Família, como propriamente deve estar subentendido, não é um governo Estatal ou Eclesiástico, mas se relaciona com ambos. Ela não tem uma intersecção com o Estado, mas é um poder independente que fundamenta o Estado. Este é o princípio de governo que flui logicamente da Escritura, pois, na existência do pecado, o Estado surgiu para resolver os conflitos que ultrapassam o seio familiar; sem pecado, portanto, jamais haveria governo que não o patriarcal, ou seja, nenhum Estado, somente a Família.¹⁹ Assim é

que se vê estruturado na Escritura.

Termos Gregos e Hebraicos

Não temos, neste ponto, um objetivo lexical de definição de todos os termos que ocorrem, mas alguns são sugestivos.

Em hebraico, o conceito de governo *in abstracto* não é comum, pois normalmente é expresso de modo pessoal, concreto; mas, em uma ocorrência relativamente rara, vemos que o *governo* recai sobre os ombros de Cristo (Is 9.6). O termo (מְשִׁיחַ) expressa a ideia de domínio, poder, como aquilo que é exercido por quem comanda. As consequências naturais do domínio (não condicionado ou limitado) sobre seus ombros, levam à conclusão de que ele é Deus Poderoso.²⁰ A falta de limitação para tal governo transforma Cristo na única pessoa que tem o poder todo unido em si mesmo, de modo que pode comandar Família, Igreja e Estado – sem nenhuma fronteira, à qual todos os homens devem obedecer.²¹

Já em termos gregos, vemos Paulo citar, em 1 Co 12.28, o conceito de governos (κυβερνήσεις). A palavra, muito mais aliada a um conceito administrativo, expressa claramente a ideia de organizar as coisas, administrando elas. Potestades, Ministros etc. são termos concretos, que expressam a ideia fundamental de administração. Assim, as autoridades em Romanos 13, podem administrar a *espada*, mas não lhes é dada atribuição para administrar a Igreja (pois só Cristo pode administrar a Espada ao mesmo tempo em que administra a Igreja).

GOVERNO EM GÊNESIS ANTES DE JOSÉ

Como deve ser observado, embora o homem tenha demorado um tempo para organizar o Estado – ou governo civil – após o dilúvio, isso não significa que não houvesse governo algum imediatamente após. Aliás, já observamos em outro artigo que as “cidades” em Gênesis eram majoritariamente formadas por famílias. Contudo, algo que será

¹⁹ Uma coisa que raramente é pensada sobre Adão é que Deus o criou numa situação de “mínimo possível”. Por exemplo, a vida de Adão expressava o mínimo para se formar uma família (um homem e uma mulher) e, portanto, Deus não formou filhos e os deu. Do mesmo modo, como podemos presumir dos animais que Adão nomeou, apenas tipos básicos estavam presentes diante dele (o suficiente e o mínimo

necessário) para que pudessem dar origem à diversas subespécies. Assim, o governo familiar de Adão estava no seu nível mínimo: uma esposa, nenhum filho, apenas animais nos seus tipos básicos, e protegendo apenas o jardim do Éden. As instruções dadas a Adão são, portanto, o mínimo requerido de um homem.

²⁰ O termo usado por Isaías é o mesmo usado em Gênesis para se referir aos

“homens poderosos” (Gn 6.4) e, posteriormente, ao “primeiro homem poderoso” (Gn 10.8) na terra, conforme demonstrado em artigos anteriores sobre a origem do Estado.

²¹ Interessantemente, a Septuaginta não traduz “governo” em Isaías 9.6 como “administração”, mas sim como “principado” – ἀρχή – (algo como o poder de um príncipe, ou poder superior).

ênfatizado neste momento é que o governo familiar não era limitado localmente, e não estava preso a nenhum tipo de amarra estatal.

Governo Abraâmico

O primeiro governo com o qual lidamos é o de Abraão. Isso parece estranho porque ele não recebe nenhuma atribuição política. Contudo, Abraão representa para sua família quem fala da parte de Deus (assim como Moisés fazia com o povo) e só é contraditado por Deus (como vemos quando Sara pede para mandar Hagar embora, mas é Deus quem, de fato, ordena a Abraão que assim suceda). Vemos o tratamento de Sara a ele o chamando de *senhor* (algo que Pedro, no capítulo 3 da sua primeira carta, claramente demonstra ser um sinal de *submissão total* da parte dela, como sendo uma base e extensão da submissão cristã às autoridades dos magistrados – que ele trata no capítulo 2). E, por último, vemos que Abraão é chamado de Príncipe (Gn 23.6), podendo até mesmo declarar guerra.

Primeiro, *Abraão é quem fala da parte de Deus à sua família* (Gn 12.7; 13.14-18; 15.18; 17; etc). Todos os textos de Gênesis citados demonstram

duas coisas: que Deus ordena à Abraão, mas é Abraão que ordena à sua família e todos os seus escravos e servos (Gn 17.27). Não é comum que Deus se dirija aos representados se o representante estiver presente (exatamente como é tratada a autoridade em Romanos 13, sendo esta ministro de Deus – algo que Abraão foi com maestria). Este papel autoritativo é depois repetido por Moisés, fundador legal da nação de Israel, e que representa Deus diante do povo, ao dizer para onde este deve ir ou onde deve parar (observe aqui a semelhança com a história de Abraão e as ordens de Deus sobre os locais em que este deve ir e ficar).

Segundo, *Abraão é contraditado somente por Deus* (Gn 21). Vemos que Sara solicita a Abraão a dispensa de Hagar da família. Deus garante a ele que Ismael será abençoado (Gn 17.20; 21.13).²² O que ocorre é a resistência de Abraão em despedir Hagar, mas Deus mesmo fala com Abraão o fazendo, assim, ceder – mantendo a coerência bíblica de que somente uma autoridade pode repreender ou ordenar algo à outra (*sempre* ocorre assim na Escritura, quando ela considera a repreensão de uma autoridade, como Natã – autoridade –

repreendendo Davi, ou Isaías repreendendo Ezequias). Provando, portanto, que Abraão possuía um governo.

Terceiro, *Abraão é senhor* (Gn 18.12; 1 Pd 3.6). Muitos argumentam que até servos eram chamados de senhores em Gênesis (Gn 24.17, 18), mas isso não expressa a coerência e argumento de Pedro (1 Pd 2 – 3). Os servos de Abraão e sua esposa o chamam de senhor, de modo que expressa uma clara relação de submissão, e não de tratamento (como Rebeca fez com o servo a quem *não conhecia*). Este é justamente o ponto do Apóstolo Pedro: Sara se submeteu ao governo de Abraão, por isso ela o chama de senhor e se isso era meramente um tratamento cortês, não faz sentido Pedro se valer disso como exemplo de submissão. Se não parece claro, podemos notar o desenvolvimento natural do argumento de Pedro em 1 Pedro 2: primeiro, os homens devem se submeter ao rei (2.13, 14), que é a autoridade mais distante; segundo, os homens devem se sujeitar aos seus senhores (2.18), que é uma autoridade mais próxima; terceiro, as mulheres devem obedecer aos seus maridos (3.1), que é a autoridade imediata e inicial. Tudo o que Pedro está falando é sobre

²² Vemos Deus proceder exatamente oposto com Abraão em relação a Davi. O filho de Davi com Bate-seba é fruto direto do pecado, e Deus pune a Davi fazendo com que o filho dele morra (2 Sm 12.13-23). A relação de

Abraão, por outro lado, não era proibida por Deus (cf. Gn 25.6; Lv 19.20; Êx 21.7-9) e, assim, fazia todo sentido Deus abençoar a criança além de deixar claro que ouvia as orações de Abraão em relação ao infante (Gn

17.20 – “*também tenho te ouvido*”). O capítulo 35 de Gênesis mostra que boa parte dos patriarcas de Israel nasceu de concubinas, isto é, eram filhos legítimos de Jacó e descendentes naturais de Abraão.

governo, desde a autoridade civil, que não tem controle imediato e direto, até à autoridade familiar, que possui o controle imediato e direto. É neste sentido que Abraão é senhor e que os homens devem ser em suas famílias.²³

Quarto, *Abraão é Príncipe* (Gn 23.6). O termo é usado com bastante ênfase política posteriormente (Êx 22.28; 34.31; Nm 1.16; 17.2), sendo este último texto de Números uma conexão entre o principado e a família. O uso do termo é autoexplicativo: Abraão é um governante sem Estado, e assim é considerado pelos outros.

Quinto, *Abraão declara guerra fazendo alianças* (Gn 14.13, 24, 15). Nos é dito que Abraão possuía confederados, ou seja, ele possuía aliados com os quais firmou contrato ou aliança, de modo que havia, presumivelmente, tanto um pacto de não agressão como de auxílio de guerra (veja também Gn 26.27-29). Nesse aspecto, o próprio Abraão podia fazer guerra (v. 15). Como vemos, Abraão com a sua casa (somando-se 318 “criados”) faz guerra, e o faz

apenas porque tem direito para tanto. Analogamente, a Confissão de Fé de Westminster afirma que aos magistrados é permitido declarar guerra (CFW XXIII, 2), afirmando-se que tal propriedade se dá porque o magistrado tem tal autoridade (assim como Abraão).

Governo de Isaque e Jacó – Pena de Morte

Não muito diferentes de Abraão foram os governos familiares seguintes. Como podemos notar, mesmo Isaque continuou o processo de aliança governamental (Gn 26.27-29). Veja que o poder do governo familiar é tão grande que ele não é controlado pelo Estado, embora possa fazer aliança com este. A família olha para o Estado de igual para igual, quando entendida dentro do aspecto de governo, e não como inferior ou compreendida dentro dele; de modo que a família antecede o Estado e este não pode delimitar aquela.

Não é observado, por outro lado, que o poder da pena de morte pertenceu, justamente, a este governo familiar, como notamos em Gn 31.32, algo que

em momento algum é questionado por qualquer pessoa presente e que está de acordo com todo o restante da Lei sobre as punições que o governo civil poderia dar a quem se valesse de outras divindades em Israel.

Vemos outro exemplo de poder da “espada” em Gênesis 38.24, quando Judá é informado do adultério de Tamar, e entende que ela deve sofrer a pena de morte (que está em acordo com a pena de morte estabelecida para o Estado em relação ao adultério – Lv 20.10, 14). O processo é entendido como algo absolutamente normal no texto, visto que Tamar parece esperar alguma retaliação de Judá (e por isso fica com o cajado dele) e ninguém questiona o ato. Judá só é detido por ter sido ele aquele que perpetrou o pecado (de maneira que maneira que não poderia, portanto, aplicar a pena de morte sobre si e nem aplicá-la coerentemente tendo sido justamente o que praticou o ato).

Parecem afirmações fortes e graves, mas era,²⁴ de fato, o direito familiar de governo que Deus havia dado não só aos patriarcas, mas à toda a nação

²³ Em outro artigo falaremos sobre o governo dos anciãos e veremos como em Israel o governo civil começa no governo familiar, sendo este a primeira instância. Isso prova que Pedro raciocinava de acordo o governo foi estabelecido no Antigo Testamento: a família é o primeiro governo humano e fundamento de todos os outros (é também a mesma

lógica de 1 Timóteo 2, tendo o Estado e a Família como autoridades básicas, mas o poder iniciando-se na família com a proibição da mulher de exercer autoridade de homem).

²⁴ Naturalmente, estou abstendo-me de dizer “é” ao invés de “era”, pois o assunto da continuidade entre as alianças é extremamente complicado neste ponto. Contudo, por si só o

tema não deixa de ser prova do poder familiar originalmente dado por Deus, como forma de governo autônomo, e que não dependia de aprovação do Estado para existir. Se cada direito natural dos patriarcas e do povo de Israel é ou não válido hoje em dia, deixarei a cargo dos leitores para, posteriormente, retomar o assunto.

de Israel posteriormente, começando em cada família em particular (algo que trataremos em outro artigo).

Reinados e Tirantias

Na mudança que Deus faz do nome de Jacó para Israel (Gn 35), vemos que era promessa de Deus que dele (de Jacó/Israel) procederiam reis (v. 11). Isso é uma grande promessa, pois mostra como que, a partir de uma família, reis seriam estabelecidos. O problema de Israel ao pedir um rei, mais tarde, foi porque não aceitaram a procedência do rei da parte de Deus, isto é, não aguardaram que Deus, por meio de um profeta ou juiz, levantasse Davi. Por isso, o primeiro reinado foi tão conturbado: não era para ser Saul, e sim, Davi, mas também retomaremos este assunto em outro artigo.

Porém, a pergunta natural que surge de tudo isso é: mas e se o marido for tirano? E se ele tiver um poder abusivo sobre a esposa e filhos? Como controlar isso? Esse tipo de questionamento não considera o fato de que todo governo humano sempre corre o risco de cair em tirania, com a diferença de que o governo político, se cair na tirania, leva todas as famílias sob seu poder

ao sofrimento, mas uma família que cai no poder de um tirano sofre “apenas” dentro dela. Note, ainda, que o governo político não tem motivos para se preocupar com as necessidades familiares: ele não conhece, não entende e não mede o sofrimento de cada família. O cabeça dela, por outro lado, sabe as necessidades, consegue senti-las em conjunto e pode tomar medidas imediatas para solucionar que não terão grande alcance caso sejam medidas ruins (diferente do Estado, cuja todas as medidas, ruins ou boas, afetam toda a população de modo direto e indireto).

Na Escritura, temos o caso da família de Coré (Nm 16), que numa revolta e tentativa de revolução (supostamente piedosa) acaba por destruir a si mesma e aqueles que se aliaram consigo. Num Estado, cujo poder seja revolucionário, isto é, tirânico, quantos sofrem por mais que suas intenções pareçam piedosas? No fim, um dos dois governos terá maior poder: ou o Estatal ou o familiar. Buscar formar “famílias tradicionais” não vencerá o Estado se o poder de dizer o que a família pode ou não fazer estiver com o Estado. Serão apenas famílias que imitam o estilo de vida

européu, mas com poder real nenhum ou quase nulo, que é justamente o que nos trouxe ao estado atual familiar.

Esse preceito tirânico do Estado é tão antigo quanto os filósofos gregos, algo que claramente se mostra no quinto livro da República de Platão (457c): nele, a família é regulada pela cidade, pelo “comum”, sendo, portanto, a família inexistente, ou tão dispersa quanto o povo for²⁵ – para estes, as crianças pertencem ao Estado e o Estado não pertence a ninguém; nas Escrituras, o Estado é subserviente à família. O argumento nunca mudou, nem entre os gregos e nem entre os estadistas modernos. No modo de pensar destes, o Estado é *base* da família. A linha de raciocínio será sempre a mesma: a de que a família, como tal, não tem o aparato estatal e que o Estado, portanto, é quem gere a família. No fim, o ponto é sobre decidir em qual governo entregamos a administração total da vida comum, pois um sempre terá mais poder do que o outro. Se cedermos ao Estado, ele controlará com o fim em si mesmo ou, como diria Rushdoony, “*o que o Estado controla serve aos propósitos do Estado*”.²⁶ A conclusão é que um reino

²⁵ O texto diz, literalmente, que as mulheres e procriação dos filhos devem ser tão comuns quanto possível, isto é, pertencente a todos. Os gregos raciocinaram de duas formas o controle estatal: ou você

dispersa o máximo a família, ou você restringe ela ao máximo (não sem motivo, a monogamia forçada pelo Estado é filosofia grega e lei romana).

²⁶ RUSHDOONY, Rousas John. *Faith & Wellness: Resisting The State Control*

of Healthcare by Restoring the Priestly Calling of Doctors. Kindle. Vallecito: Chalcedon/Ross House Books, 2016, p. 72.

prevalece sobre o outro, algo que as Escrituras solucionaram integrando a família como base do Estado, e não como poder separado, que precisa ser controlado por este. Assim, não são “esferas” (conceito só possível no mundo moderno ou num modo romano de pensar), mas “instâncias”, com a família sendo a primeira e mais básica instância, na qual o governo e o julgamento devem estar presentes.

DEUS NOS CHAMA PARA O DOMÍNIO

Deus criou o mundo estruturalmente hierárquico: tudo no mundo funciona por meio do governo (de Deus, do homem, magistrados etc.), de modo que os inferiores não podem se quer contradizer os superiores ao custo de diminuir o alcance da mensagem e devem conquistá-los pelo

silêncio e não pela contradição (1 Pd 3.1). Deus, portanto, cuida do mundo com estruturas autoritativas. Cristo, como chefe e cabeça da igreja, faz com que o poder flua dela, mas até mesmo de um homem comum, que queira ser bispo/presbítero/pastor na igreja, é exigido primeiro o *governo* de sua própria casa (1 Tm 3.4, 5).²⁷

Assim, o Novo Testamento reforça toda essa estrutura, demonstrando:

Primeiro, que o governo familiar com sua estrutura é permanente (1 Pd 3.1-6; 1 Tm 2.11, 12; Lc 2.51); segundo, que ele é básico e início do governo (1 Tm 3.4, 5; 5.4, 8); terceiro, que a ordem que estabelece a família se fundamenta nos mandamentos de Deus (1 Co 7.19); quarto, que Deus continua a trabalhar por meio de famílias (Rm

16.10, 11; 1 Co 1.11, 16; 16.15). Todas essas coisas apontam o fato de que a família não só é um governo, mas é básico, primário e deve ser obedecida antes de qualquer outro governo ou ordem humana. É, pois, neste domínio que o “dominar a terra” começa: não pela luta cultural, pelo estabelecimento autoritativo familiar.

Por essas razões, a família não deveria depender de regulamentações e nem buscar regulamentações estatais para suas atividades de autogoverno. Melhor do que os povos terem o direito a um tipo de autodeterminação, é que as famílias o tenham, sem intervenção de qualquer outro poder. Isso é o domínio estruturado por Deus: Família, Igreja, Estado e Indivíduo.

²⁷ A instrução de Paulo em 1 Timóteo 3 é extremamente administrativa; por exemplo, não é pecado não ser apto para ensinar, nem é pecado não ser casado, mas ele estabelece, para

Timóteo, que essas exigências são necessárias ao Bispo para diminuir a chance de erro e maximizar a qualidade do ensino e governo dele na igreja. Paulo parece ecoar

fortemente Deuteronômio 17.15-17, que dá instruções administrativas ao povo sobre como deve ser o rei (não cumprir os requisitos apenas seria forma de impedir a eleição do rei).

Depressão - Vazio e renascimento



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

Há um interesse crescente em nossa sociedade no que diz respeito aos variados tipos de sofrimento mental. Constatamos isso pelo número substancial de indivíduos que têm se preocupado com sua saúde mental e que estão procurando por apoio profissional, mas também na quantidade daqueles que têm questionado sobre sintomas, características e causas de uma pequena diversidade de adoecimentos psíquicos que se popularizaram, porque se tornaram mais comuns. Todavia, quando coisas dessa natureza se popularizam, sempre há a possibilidade de desentendimentos circularem e se generalizarem, como é o caso da chamada “depressão”. Nesse ínterim, não falta quem se autoavalia a partir de alguns conhecimentos prévios, às

vezes não bem esclarecidos, e conclua estar depressivo no sentido psicopatológico. Essa leitura de si mesmo é importante quando ajuda o sujeito a procurar por auxílio profissional, mas é, também, arriscada, porque pode atribuir adoecimento a processos que não são patológicos. Muitas pessoas, por exemplo, atribuem a si mesmas ou a outros “bipolaridade” apenas porque oscilam rapidamente de humor, indo de alegria para tristeza ou raiva rapidamente, sem atentarem para o fato de que a bipolaridade não é meramente a oscilação entre alegria e tristeza, mas a intercalação de ciclos, que podem durar dias ou até semanas, entre depressão e euforia, sendo a euforia muito diferente da alegria comum,

mas um estado de agitação constante associado a uma percepção distorcida de si mesmo e do mundo, no sentido de um excesso de impulsividade e de autoconfiança às raias da autodestruição. Similarmente, muitos se pensam depressivos porque estão tristes há algum tempo, embora depressão não seja exatamente tristeza.

Antes de tudo, para que eu possa ajudar o leitor no esclarecimento sobre a depressão, é importante sustentar que esse texto não promete explicar tudo de maneira sistemática e exaustiva, mas auxiliar na correção de alguns entendimentos populares e também, em caso de suspeita, na busca por

acompanhamento profissional. Agora podemos prosseguir.

É importante considerarmos as coisas desde a sua base elementar. O ser humano sente e pensa a partir de um substrato material constituído pelo seu organismo que, por sua vez, interage com o meio derredor. Nossos órgãos internos possuem um modo ótimo de funcionamento e quando padecem de alguma dor ou disfunção, alteram nosso metabolismo, nosso humor e a natureza de nossos sonhos e de nossos pensamentos.

Nunca esquecerei de uma noite em que, antes de acordar com uma dor na região do fígado, estava sonhando com uma imensa pedra, pesadíssima! Uma sensação de peso, de languidez, pode estar associada a um sofrimento orgânico. Evidentemente, essas alterações podem envolver desequilíbrios no sistema endócrino, responsável pela produção de hormônios diversos, que viabilizam sensações como prazer e alegria, por exemplo, mas que, em desequilíbrio, podem reverter em inquietação e angústia. Também devemos considerar o aspecto metabólico em geral, que determina a capacidade que o organismo tem de processar as toxinas que o trabalho celular, dos órgãos e dos músculos produz ao longo do dia. Isso significa que uma respiração curta e insatisfatória, uma alimentação inadequada, uma

péssima qualidade de sono e uma parca rotina de exercícios interferem no metabolismo e, portanto, tornam o corpo mais inflamado, mais indisposto e mais suscetível de sofrimentos orgânicos capazes de interferir nos humores e nos pensamentos (COLBERT, 2013).

Enfim, e mais importante para nosso estudo, deve-se observar o cerne energético, por assim, dizer, do corpo: o sistema nervoso. Esse sistema, que coordena os movimentos do organismo desde os órgãos até a musculatura, reage ao sofrimento orgânico acima referido, mas pode, também, intensificá-lo a partir de seu próprio desordenamento. Deve-se, contudo, considerar que cada pessoa nascerá com uma predisposição nervosa, a partir de como esse sistema está estruturado, de maneira que alguns demonstram, desde bebês, uma maior disponibilidade energética para atividade motora, enquanto outros mostram, muito precocemente, uma menor quantidade de energia disponível (ARON, 2021). É nítido, e isso não se deve necessariamente aos estímulos ambientais, que existem bebês naturalmente mais calmos do que outros. Essa estrutura nervosa conduzirá, provavelmente, ao temperamento chamado introspectivo, porque a “energia”, nesse caso, está mais voltada para dentro, já que menos exuberante e

transbordante para inundar o ambiente – nesse caso, teríamos o temperamento extrovertido (VON FRANZ & HILLMAN, 2016). É aqui que podem começar alguns desencontros, porque há pessoas naturalmente mais lentas e mais sensíveis à pressão do ambiente, que atentam e reagem mais aos estados emocionais interiores e que tendem à melancolia. Essas pessoas, porque se encontram mais corriqueiramente em situações de tristeza ou com necessidade de passar um tempo sozinhas, podem ser chamadas por outros de deprimidas ou pensarem sobre si mesmas nesses termos, quando na verdade são simplesmente introvertidas. Num contexto no qual esse temperamento não seja visto como um problema, talvez tais pessoas não pensariam a si mesmas como disfuncionais, mas infelizmente é o que tende a acontecer em nossa sociedade baseada no consumo acelerado e na qual todos precisam mostrar alegria enérgica o tempo inteiro.

O sistema nervoso, como vimos, determina o nível de energia disponível. Há pessoas que possuem uma estrutura nervosa menos densa e que tenderão a viver num ritmo menos acelerado e mais prudente, porque percebem, consciente ou inconscientemente, que não têm tantas reservas para explosões de excitação ou

esforços físicos e emocionais muito prolongados. Em tempos pregressos, quando a lógica da aceleração não impregnava toda a cultura, pessoas assim tinham garantidos lugares nos quais seu temperamento pudesse ser maximamente construtivo para a sociedade: ocupavam postos de sábios e de conselheiros reais, tornavam-se monges, eruditos, filósofos e artistas, professores, cientistas e artesãos (ARON, 2021). Penso que os introvertidos, hoje mais do que nunca, em função das suas qualidades mais críticas, observadoras e ponderadas, são fundamentais para estabelecer um ritmo mais saudável à vida comum, porque, por sua própria natureza, impõem aos que os cercam o imperativo da espera, da paciência e da fruição. Especialmente em nossos dias, de doentia demanda por produção e prazer imediatos, quando os mais melancólicos são tratados como inadequados, as qualidades da melancolia são importantes.

Mas, fique atento, leitor, porque há uma linha divisória, embora não muito clara, entre a saúde e a doença. A melancolia pode ser pensada enquanto depressão quando o indivíduo começa a sofrer verdadeiramente, tendendo cada vez mais ao isolamento, com prejuízos concretos na saúde física, na saúde emocional, na saúde social, na saúde profissional e na saúde material em geral. Nessas

horas, quando os pensamentos começam a se dirigir à realidade com pessimismo mórbido e se começa a alimentar uma desesperança crescente com relação ao futuro, já estamos no campo do adoecimento mental. É importante, por conseguinte, que a observação de mudanças nesse sentido seja levada a sério e que se procure ajuda antes do agravamento, para uma redução de danos e a evitação de uma progressão perigosa, porque sobretudo a perda de esperança com relação à vida e ao futuro sinaliza que o indivíduo já está correndo risco.

Veja bem: melancolia não é necessariamente depressão, porque o melancólico, ou introvertido, não é obrigatoriamente pessimista com relação à vida e ao futuro – aliás, ele pode, na verdade, ser até muito otimista, embora não tenha predisposição expansiva frente à realidade derredor, preferindo resguardar sua intimidade e não se expor em excesso. A depressão pode vir de um agravamento nesse temperamento, mas também pode acometer o extrovertido, porque se trata muito mais de uma reação defensiva do sistema nervoso a um excesso crônico de estresse e de ansiedade, frente a qual o organismo opta por reduzir a oferta energética, para que o sujeito, sem esperança clara de sair do vórtice do estresse e da ansiedade, simplesmente sinta

menos – essa é, também, uma medida protetiva do próprio sistema nervoso, para evitar uma danosa sobrecarga energética, que pode danificá-lo, assim como ao cérebro e ao organismo em geral (ANDRETTA & OLIVEIRA, 2012). A diminuição da oferta energética do sistema nervoso o torna menos resiliente a certos estímulos ambientais, porque desprovido de maiores recursos, e por isso o deprimido não é apenas triste (aliás, ele pode sentir-se alegre com alguma frequência), mas alguém irritável e impaciente, às vezes hostil e reativo à menor perturbação. A baixa energética no sistema nervoso é uma constante na depressão, mas existem outras causas a serem consideradas: histórico familiar, disfunções hormonais, excesso de peso, sedentarismo, vícios... Por isso, é importante, para trabalhar com a depressão, primeiro observar o próprio estilo de vida e ver se, eventualmente, essa baixa funcional, que afeta o emocional e o pensamento, não puxa raízes de uma série de desequilíbrios na rotina, o que nos informa da importância do autocuidado, mas, principalmente, para evitar seguir “achismos” pessoais, de se procurar pela competência de profissionais adequados, desde nutricionistas e neurologistas até psicólogos e psiquiatras.

Quando falamos a respeito do estilo de vida e consideramos

que a depressão está relacionada à falta de esperança com respeito ao mundo e ao futuro, entramos numa vereda de fundamental importância, mas que é muitas vezes ignorada em favor de uma visão meramente fisiológica da psicopatologia: estamos falando de uma neurose noogênica. Na logoterapia, se entende que a depressão nem sempre está relacionada a uma causa primeira de ordem patogênica, no sentido de ser física e tratável apenas com medicação, mas pode emergir de uma fonte primeira de matiz existencial (FRANKL, 2016). A depressão pode emergir de um trauma severo, que revira toda a visão de mundo do indivíduo, pondo em questão suas certezas prévias. Uma traição de alguém próximo poderá atingir e desordenar tudo aquilo que outrora a pessoa acreditou a respeito de confiança, de amizade e de amor, causando um desnorteamento traumático que a faz suspeitar da real natureza de seus relacionamentos anteriores e a leva a perder a esperança, nesse quesito, com relação ao futuro, e, uma vez que somos sociais e que construímos nossa autoimagem a partir da qualidade de nossos relacionamentos, poderá também ter abalada a própria ideia de si mesma, de seu valor pessoal e de seu lugar no mundo. Frustrações e baques assim dão naquilo que se

chama de depressão reativa (HOLLIS, 1998). Há, contudo, uma vereda mais sutil, que não identifica a eclosão da depressão a partir de eventos de maior magnitude, mas do alastramento contínuo de frustrações existenciais baseadas na carência de uma base de sentido satisfatória para a vida. Quando o sujeito é incapaz de atribuir importância para a própria existência, não sabendo que lugar ocupar no mundo, ou mesmo que é esse “Mundo”, dificilmente terá como ver a realidade de maneira positiva, porque este Mundo, desprovido de significado, se transforma numa massa aleatória de eventos impessoais, tão pesada e brutal a ponto de causar terror, angústia e desespero, donde se chega à desesperança (BECKER, 1995). E mesmo que se possa afirmar uma base através da qual o Mundo adquire unidade, previsibilidade e sentido, nem sempre o indivíduo consegue identificar com clareza sua missão dentro desse espaço, e então se sentirá ilegítimo e impregnado de culpa.

Segundo Frankl (2016), os aspectos biológico e psicológico de nossa constituição só podem colaborar entre si se, pelo aspecto espiritual, encontrarmos um sentido maior do que nós mesmos, uma base de valor que nos dá uma jornada significativa para seguir durante nosso tempo

vital. A isso ele chama de autotranscendência, que é o imperativo que todos têm de se entregar a algo maior do que os próprios apetites carnis e os meros desejos da psique elementar. Quem se encontra inserido num projeto maior, liga a própria vida a um Todo, impregnando-a de relevância existencial, e, ao assumir esse caminho, verá como, do espírito, o corpo e a psique são harmonizados para colaborar com a demanda – quer dizer: deixa de estar preso à mera satisfação de apetites e da competição entre eles, para usar seu corpo e seu aparato cognitivo como instrumento para algo mais do que a animalidade. É a ausência de narrativas significativas maiores, que quase não são mais ofertadas em nossa sociedade, que tem levado à explosão nos casos de depressão, porque as pessoas ficam sem opções claras e significativas para o empreendimento da autotranscendência, mantendo-se restritas a vidas sem profundidade, alienadas do Todo, e conduzidas pelo saciamento imediato das necessidades e dos vícios mais vulgares, que servem ainda como entorpecimento mental para que não precisem encarar o vazio das próprias existências (DAHLKE & DETHLEFSEN, 2007). Todavia, nem sempre esses entorpecedores estão disponíveis, às vezes perdem a eficácia, noutras vezes a realidade se impõe e os

esteriliza, e noutras, ainda, a própria pessoa fica exaurida do frenesi dessas distrações intermináveis. É nessa hora, sem mais recursos, fatigada e combalida, que ela será obrigada a encarar seu vazio existencial – e aí a depressão, da frustração profunda, pode finalmente encontrar lugar.

Digo isso considerando que os entorpecedores (entretenimento excessivo, barulhos intermináveis, prazeres alucinantes...) podem atuar como impedimentos da crise necessária pela qual o indivíduo precisa passar para reconhecer suas faltas e lidar com elas. A depressão, nesse caso, é um movimento natural de uma psique desprovida de nutrientes dos quais que precisa, além de exaurida pelo bombardeio de hiperestimulação, e, portanto, não é de todo ruim. Os movimentos de inflação e de alienação, de alegria expansiva e confiante e de retraimento frustrado e doloroso, são parte integrante do funcionamento mental e meios pelos quais a psique pode amadurecer (EDINGER, 2020). Veja bem: um adolescente cheio de vitalidade, impelido pelos hormônios e pelas mudanças físicas e mentais, tende à inflação do ego, e vai, cheio de confiança, se expandindo no mundo ao redor, até que se bate contra os limites da realidade e percebe que não estava tão adaptado e que não era tão poderoso quanto imaginava, por isso se frustra e

se retrai, para renascer posteriormente mais maduro, mais adaptado e mais consciente dos próprios limites, e voltará a inflar nesse novo patamar, até se frustrar novamente, porque esse novo território tem novos limites e outra complexidade. Alienar-se, frustrar-se, deprimir-se, sentir-se pequeno diante de uma vastidão hostil e não ter como se cegar a essa realidade, é fundamental para, pela crise, suscitar uma pulsão vital de reformulação da mente, de redefinição dos valores, de busca de um novo sentido, de uma vocação, de uma missão. Não é sem razão que os antigos gregos consideravam a depressão um momento sagrado na mente, porque entendiam que quem estivesse depressivo, deslocado do tempo e do espaço comuns, estava passando por uma jornada de descida ao Submundo, da qual retornaria renovado, com uma nova revelação e com uma nova compreensão a respeito da vida. Muitas vezes, por motivos assim, eles davam à depressão uma qualidade oracular (PEDRAZA, 2012).

À exemplo dos gregos, mas sem desconsiderar todo o entendimento recente das ciências psicológica e psiquiátrica, podemos olhar para a depressão com menos pavor e, por isso, com mais seriedade. Com um bom acompanhamento profissional, esse momento da vida da mente, que é legítimo

por si só, pode ser a oportunidade de reavaliarmos nossas crenças, nossos valores, nosso estilo de vida e também o significado maior de nossa existência. Talvez tenhamos entrado nesse processo de alienação do ego, procurando nos isolar e nos proteger do mundo ao redor, porque nossos recursos prévios não eram mais adaptados à realidade presente, ao contexto atual de nossas vidas, ou porque estávamos nos entregando ao espírito de nosso tempo, dado à exaustão pelo consumo e pela velocidade, sem espaço para a psique descansar e se retrair, e sem qualquer oferta de um significado maior para o viver. Esse é momento, graças à oportunidade depressiva, de darmos a nós mesmos uma segunda chance e refletirmos sobre como nos afastamos de nossa vocação existencial em favor de demandas exteriores, baseadas no status e no apelo da cultura, procurando fingir uma impraticável felicidade constante, nos viciando num trabalho insalubre apenas porque isso é valorizado pelos outros ou procurando simular o acesso a bens de consumo apenas porque são a moda das redes sociais. Talvez não estivemos vivendo com autenticidade, conectados a um fundamento de sentido profundo e satisfatório, e por isso a vida se transformou num deserto vazio. Por isso a depressão, quem sabe. Por isso, pela depressão, temos a oportunidade de renascer.

NOTAS

ANDRETTA, I.; OLIVEIRA, M. da Silva. *Manual Prático de Terapia Cognitivo-Comportamental*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

ARON, E. *Pessoas Altamente Sensíveis*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

BECKER, E. *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

COLBERT, D. *Emoções Mortais*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2013.

DAHLKE, R.; DETHLEFSEN, T. *A Doença como Caminho*. São Paulo: Cultrix, 2007.

EDINGER, E. *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Cultrix, 2020.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 2016.

HOLLIS, J. *Os Pantaneais da Alma*. São Paulo: Paulus, 1998.

PEDRAZA, R. L. *Ártemis e Hipólito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VON FRANZ, M. L.; HILLMAN, J. *A Tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix, 2016.

Renato Vargens



Renato Vargens é casado há 30 anos com Ana Cristina, pai de dois filhos, pastor, conferencista, tendo já pregado o evangelho em países da América do Sul, Norte, Caribe, África e Europa. É escritor com 32 livros publicados em língua portuguesa e 1 em língua espanhola. É também colunista e articulista de revistas, jornais e diversos sites protestantes, editor do site Renato Vargens, pastor sênior da Igreja Cristã da Aliança em Niterói, membro do conselho da Coalizão pelo Evangelho (TGC) e membro do conselho do Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR).

MOTTA – Pastor, no primeiro capítulo do seu livro *“Masculinidade em Crise e seus efeitos na Igreja”*, o senhor nos fala sobre “o acovardamento masculino na liderança da igreja”. Até que ponto podemos declarar dessa maneira, abertamente e sem rodeios, que o fato de haver mulheres, em muitos lugares, à frente da obra de Deus é resultado direto de covardia por parte dos homens? Há exceções? Pode haver mulheres que foram chamadas por Deus para liderar a Igreja e, com isso, serem devidamente

reconhecidas por seus maridos, ganhando espaço em suas igrejas?

PR. RENATO – Eu não sou contra a mulher servir ou mesmo pregar e ensinar na comunidade da fé, contudo, não vejo nas Escrituras base para o ministério pastoral feminino, visto que não existe um texto sequer na Palavra de Deus que possa dar base a mulheres no governo da igreja. Ademais, ainda que possa entender a existência de exceções, compreendo que a omissão masculina é a razão

preponderante para que mulheres se levantem como pastoras. Além disso, vale a pena ressaltar que Jesus, Paulo ou os demais apóstolos não falam de presbíteras, bispas e pastoras, visto que as referências a essas vocações sempre são relacionadas aos homens.

MOTTA – A Bíblia apoia o pastorado feminino? E o ensino e a pregação no culto solene? Como podemos lidar com isso em relação ao que nos apresenta o movimento feminista?

PR. RENATO – Como disse, não existe um texto sequer nas Escrituras que justifique o ministério pastoral feminino. À luz dessa premissa, fundamentado nas Escrituras, entendo que o culto público deve ser presidido por homens, o que difere em muito da visão igualitarista defendida por alguns. Aliás, permita-me explicar a diferença entre Igualitaristas e Complementaristas. Igualitaristas: Esta corrente afirma que Deus originalmente criou o homem e a mulher iguais; e que o domínio masculino sobre as mulheres foi parte do castigo divino por causa da queda, com consequentes reflexos socioculturais. Segundo os igualitaristas, mediante o advento de Cristo, essa punição e reflexos foram removidos; proporcionando consequentemente a restauração ao plano original de Deus quanto à posição da mulher na igreja. Portanto, agora, as mulheres têm direitos iguais aos dos homens de ocupar cargos de oficialato da Igreja. Além dos igualitaristas, encontramos os complementaristas, que por sua vez entendem que desde a criação – e portanto, antes da queda – Deus estabeleceu papéis distintos para o homem e a mulher, visto que ambos são peculiarmente diferentes. A diferença entre eles é complementar. Ou seja, o homem e a mulher, com suas características e funções distintas, se completam. A diferença de funções não

implica em diferença de valor ou em inferioridade de um em relação ao outro, e as consequentes diferenças socioculturais nem sempre refletem a visão bíblica da funcionalidade distinta de cada um. O homem foi feito cabeça da mulher – esse princípio implica em diferente papel funcional do homem, que é o de liderar.

MOTTA – Em uma publicação de 20 de setembro de 2018, em seu perfil oficial no Instagram, o Pr. Anderson Silva, da Igreja Vivo por Ti, fez a seguinte colocação: *“Senhor, dê-nos homens que lideram tua Igreja com fibra, garra, Bíblia e coragem! A Noiva deixou de ser “figura de linguagem” e se tornou uma “pessoa no singular” - homens em crise que se sentem ‘a namorada de Jesus’*”. As danças e coreografias, bem como as letras de músicas cristãs que enfatizam um linguajar romantizado, são consequências diretas da crise de masculinidade atual? Qual é a influência disso na adoração comunitária?

PR. RENATO – No livro *“Masculinidade em Crise”* eu afirmo que a crise de masculinidade na igreja, tem de certa forma contribuído com a feminização da igreja, o que é uma realidade em nosso meio. Observe que nossas canções tomaram um viés mais feminino, mais sensível e menos racional. Ora, não estou

dizendo que as mulheres não são racionais, longe disso, mas com certeza elas são mais emotivas. Músicas que dizem que deseja abraçar, calçar as sandálias de Cristo e outras tantas mais entoadas em nossos cultos apontam para isso. Ademais, observe que o culto público ganhou elementos como danças, isso sem falar que em virtude da feminização da igreja, e ausência masculina, perdeu-se a observância da disciplina eclesial.

MOTTA – Pastor, mudando do tema do seu livro para a produção dele. Temos provas do precoce pirateamento deste livro (e de outros de sua autoria). A partir disso, perguntamos: é possível, financeiramente falando, um escritor cristão brasileiro viver apenas da renda resultante da venda de seus livros?

PR. RENATO – Infelizmente 99,9% dos autores brasileiros não tem como viver de direito autoral.

MOTTA – Uma vez que toda autoridade fora constituída por Deus, um crime, antes de qualquer coisa, é um pecado, certo? Então, o crime de pirataria é pecado?

PR. RENATO – Sim. Pirataria além de pecado é crime. Na internet por exemplo, tornou-se comum encontrar crentes usando de pirataria. Pirataria é utilizar um produto sem a autorização

do autor. Esse produto pode ser um livro, um filme, uma música, um programa de computador e etc. A lei brasileira protege o criador do produto, que tem o direito de receber por seu trabalho, portanto, posso afirmar que quem pirateia o produto age contra esse direito do autor. Junta-se a isso que quando se disponibiliza arquivos digitais de livros ou mesmo os baixa, sem autorização da editora, o leitor prejudica a editora, o autor, e também impede, a longo prazo, que outras obras sejam publicadas.

MOTTA – A Bíblia dá abertura para a existência de “Robin Hoods” (no plural) cristãos? Tirar dos escritores ricos e que têm mais condições (pirateando seus livros), para dar aos estudantes pobres e menos favorecidos pode ser visto como um crime terreno louvado no céu?

PR. RENATO – De forma alguma. Quem age assim comete desonestidade.

MOTTA – Muitos pregadores, cantores e escritores, talvez em uma interpretação equivocada do que diz a Bíblia, afirmam que, por se dedicarem integralmente à obra de Deus, têm o direito de cobrar por suas produções ou apresentações, pois vivem pela fé e unicamente do lucro dessas atividades, o que acaba gerando abusos e exageros por parte de muitos deles. Até onde é moralmente correta essa atitude de cobrar?

PR. RENATO – Eu sou absolutamente contra aqueles que cobram para pregar. Jesus nunca cobrou para anunciar a salvação, como também nenhum dos apóstolos estabeleceram cachê para anunciar Cristo. Paulo, apesar de ter experimentado em seus ministérios necessidades que envolvem a obra missionária, nunca exigiu que a igreja lhe enviasse ofertas, antes recebia de bom grado e com ações de graças aquilo que lhe era enviado. A verdade é que nenhum dos apóstolos do Senhor jamais estipularam uma quantia para pregar a palavra de Deus em alguma cidade. Agora em contrapartida, existem igrejas que tratam o obreiro com enorme descaso. Há pouco soube de um fato escabroso. Uma proeminente comunidade cristã convidou um pastor para pregar em uma conferência. O pastor convidado era de um estado diferente da igreja, o que exigiu com que a viagem acontecesse no seu próprio carro. Durante três dias o pastor pregou intermitentemente o Evangelho. Ao final do congresso, os seus anfitriões, lhe estenderam a mão agradecendo a sua vinda, sem contudo lhe dar uma oferta sequer, isso sem dizer que os hospedeiros tiveram a cara de pau de não pagar as despesas relacionadas a viagem do seu convidado.

Um amigo meu, líder de uma grande missão brasileira relata que não são poucas as vezes, que recebe de oferta R\$ 50,00. Ele conta, que volta e meia viaja horas de carro, ônibus ou avião, se ausentando da igreja a qual é pastor, deixando em casa mulher e filhos, e que ao final da conferência recebe no máximo 100 pratos de oferta. Sou absolutamente contra quem cobra para pregar o Evangelho, entretanto, não concordo com aqueles que agem com descaso não honrando com dignidade os seus convidados. Há pouco, soube de um relato de um pastor que foi convidado para ser preletor de uma grande conferência, não é que a igreja que o convidou queria cobrar dele a inscrição no congresso? Veja bem, ele seria o preletor, e ainda assim queriam que ele pagasse a inscrição, mesmo porque, ele iria comer no local. Ora, isso é um deboche! Pois é, bom senso nessas horas é fundamental. Sem sombra de dúvidas o pastor não deve cobrar para pregar, mas em contrapartida a igreja deve tratar seus convidados com decência e dignidade. Tirar o pastor de sua igreja e família e lhe dar "esmolas" ao final do culto afronta os ensinamentos bíblicos. Diante disto minha sugestão é que a igreja pense duas vezes em convidar alguém para pregar. Se ela não tem condições de arcar com as despesas relacionadas a hospedagem, transporte e oferta, é melhor não convidar. Se não possui condições de

cobrir as despesas mínimas, não convida ninguém, se organize, se capitalize, e no tempo certo convida alguém para pregar.

MOTTA – Como devemos relacionar a cobrança pelo trabalho feito em favor da obra de Deus com o “*de graça recebestes, de graça daí*”?

PR. RENATO – A expressão “*de graça recebestes, de graça daí*” significa em linhas gerais que os seguidores de Cristo não devem comercializar o poder que receberam da parte do Senhor para anunciar o Evangelho mercadejando o evangelho. Contudo, essa frase precisa ser interpretada da forma correta visto “*de graça recebestes, de graça daí*”, não significa uma proibição que impede que as pessoas que se dedicam em tempo integral ao ministério do Evangelho, recebam alguma compensação financeira para suprir suas necessidades. As Escrituras mesmo nos ensinam que o presbítero que ensina é

merecedor de dobrada honra, portanto, usar a frase “*de graça recebestes, de graça daí*” é tirá-la de seu contexto e propósito. Deixe-me explicar: Conhecimento custa muito. Livros, cursos, seminários tem um preço, não é verdade? Além do mais, o crente tem a mania de ser dicotômico, isto porque, ele considera a preparação bíblica teológica diferente da preparação de um advogado, médico, arquiteto, ou mesmo professor, que assim como o pastor ou teólogo investiram em conhecimento, e que, portanto, justamente precisam receber por seu conhecimento e trabalho.

MOTTA – Qual é o limite para a realização de crimes na propagação do Evangelho? Mesmo a pirataria sendo pecado, não pode se apresentar como algo aceitável se for entre irmãos e se empregada com o fim de levar adiante o conhecimento teológico cristão? Atos 2:44,45 nos diz assim: “*Todos os que criam mantinham-se unidos e*

tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade”. Até onde isso é um exemplo aplicável a nós da igreja de hoje?

PR. RENATO – O problema da nossa geração é fazer aquilo que dá certo e não aquilo que é certo, isso sem falar do velho jeitinho brasileiro, bem como da lei de Gerson onde o que importa é levar vantagem sobre o outro. Sinceramente não é possível relativizar a ética em prol de um objetivo, o fato de querer evangelizar não me concede o direito de roubar o produto intelectual de alguém, portanto, continuo dizendo que pirataria é crime.

MOTTA – Uma última palavra?

PR. RENATO – Minha oração é que o Senhor tenha misericórdia de cada um de nós e abençoe a tão combatida igreja Evangelica brasileira.

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

